



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

PAULINO PAULO SUMA

**ETNOBIOGRAFIAS DE ESTUDANTES AFRICANOS (PALOP) NA UNILAB-
CAMPUS DOS MALÊS: FAMÍLIA, EDUCAÇÃO E MOBILIDADES**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

PAULINO PAULO SUMA

**ETNOBIOGRAFIAS DE ESTUDANTES AFRICANOS (PALOP) NA UNILAB-
CAMPUS DOS MALÊS: FAMÍLIA, EDUCAÇÃO E MOBILIDADES**

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fanny Longa Romero.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

PAULINO PAULO SUMA

**ETNOBIOGRAFIAS DE ESTUDANTES AFRICANOS (PALOP) NA UNILAB-
CAMPUS DOS MALÊS: FAMÍLIA, EDUCAÇÃO E MOBILIDADES**

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 14/11/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fanny Longa Romero (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Ismael Tcham

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Bruno Amaral Andrade

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMA DE PESQUISA	8
3	OBJETIVOS	9
3.1	GERAL	9
3.2	ESPECÍFICOS	9
4	JUSTIFICATIVA	9
5	REFERENCIAL TEÓRICO	11
6	PERCURSO METODOLÓGICO	17
7	CRONOGRAMA	19
	REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho estuda as etnobiografias de estudantes oriundos de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)¹, que ingressam na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, a partir das trajetórias formativas e pessoais.² O projeto objetiva compreender de que maneira as histórias de vida desses atores sociais se articulam com os processos educativos, familiares e de mobilidade migratória.

A presença de estudantes africanos no Brasil, especialmente na UNILAB, representa uma experiência singular marcada pelo encontro de culturas, circulação de saberes e desafio de adaptação a um novo contexto social e acadêmico. A cidade de São Francisco do Conde é relevante como o cenário social tanto por ser o município sede do campus universitário Malês, como por representar a principal opção de moradia de estudantes africanos dos PALOP. São Francisco do Conde destaca-se como uma cidade com forte presença negra, fruto de um passado marcado pela escravidão e pela herança colonial. Segundo dados recentes do último censo do IBGE:

A identificação racial em São Francisco do Conde é a seguinte: 49,9% da população se declarou preta, 44,1% parda, 5,7% branca, e menos de 1% se declarou amarela ou indígena. O município é um dos nove em que a população preta é maioria, e se destaca por ter o percentual mais alto de pretos entre todos os municípios do Brasil, de acordo com o mesmo censo (IBGE, 2022).

De acordo com Margarida Bendo, apesar do município referido representar demograficamente uma maioria negra, a consciência racial e o reconhecimento da “negritude”³ ainda são frágeis. Muitas pessoas evitam se identificar como negras e preferem usar termos como “pardo” ou “moreno”, o que reflete o ideal de branqueamento e a influência de valores eurocêntricos que moldaram a sociedade brasileira (Bendo, 2016, p.21). Para essa autora, a chegada dos estudantes africanos no município de São Francisco do Conde “[...] gerou olhares

¹ Importante destacar que a pesquisa não contempla todos os países PALOP. Embora a UNILAB receba estudantes de todos os países de PALOP (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe), o Campus dos Malês conta atualmente com estudantes de Guiné-Bissau, Angola, Moçambique e São Tomé.

² O município de São Francisco do Conde faz parte da região do Recôncavo Bahiano, a 67 km da capital do estado, Salvador. Segundo dados do IBGE, “em 2024, a área do município era de 269,736 km², o que o coloca na posição 357 de 417 entre os municípios do estado e 3647 de 5570 entre todos os municípios”. De acordo com o último censo: “Em 2022, a população era de 23.654 habitantes e a densidade demográfica era de 25,4 habitantes por quilômetro quadrado. Na comparação com outros municípios do estado, ficava nas posições 134 e 183 de 417. Já na comparação com municípios de todo o país, ficava nas posições 1485 e 2679 de 5570. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-francisco-do-conde/panorama>. Acesso em: 30 out. 2025.

³ Uma aproximação teórica do conceito “negritude” pode ser encontrada em Munanga (2019).

de surpresa, curiosidade e muito estranhamento na cidade, além de muitos outros processos” (Bendo, *op.cit.*, p. 13). Argumentamos com a autora que esse comportamento é resultado de dinâmicas sociais de racismo estrutural, disfarçado por um discurso de miscigenação e igualdade racial na formação da sociedade brasileira (Munanga, 2022).

Destacam-se para esta pesquisa os países de origem desses estudantes como Angola, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe que compartilham heranças coloniais portuguesas, mas apresentam realidades sociais, políticas e culturais diversas. Essa diversidade se reflete também nas suas trajetórias que migram de países africanos para o Brasil com o intuito de estudar na Unilab. Esses aspectos revelam uma pluralidade de experiências e de elementos comuns que pensamos nos ajudam a aproximar suas narrativas.

Apesar das diferenças étnico-nacionais, de origem, idade, sexo, gênero, trajetórias acadêmicas pressupomos que muitos dos estudantes africanos PALOP na UNILAB, compartilham vivências comuns relacionadas à valorização da família como pilar de apoio, ao desejo de ascensão por meio da educação e às transformações que as mobilidades da migração intencional provocam em suas identidades. Essa mobilidade deve ser entendida como um processo complexo e heterogêneo, pois:

os estudantes africanos, ao saírem de seus países, vivenciam um processo de deslocamento que não se restringe ao espaço geográfico, mas que envolve também dimensões simbólicas e identitárias, nas quais negociam constantemente pertencimentos e expectativas (Bendo, 2016, p. 30).

Nesse sentido, como explica o autor Ismael Tcham:

[...] este tipo de migração implica uma experiência que tem características próprias, uma vez que incorpora várias instituições formais, simultaneamente, e que trazem para os sujeitos envolvidos a certeza sobre a razão objetiva de sua migração. Isso tem feito com que surjam, no decorrer do tempo, projetos individuais ou familiares que reconfiguram a perspectiva inicial deste ato de migrar, caracterizando aspectos significativos desses processos migratórios, menos conhecidos que exigem compreensão e interpretação (Tcham, 2016, p. 20).

O processo de inserção desses estudantes no Brasil também se vincula a dinâmicas históricas que aproximam África e América Latina⁴. Segundo Anibal Quijano, “a globalização em curso é, em primeiro lugar, a culminação de um processo que começou com a constituição

⁴ É fundamental considerar os processos históricos que permitiram a entrada de estudantes africanos no Brasil após a abolição da escravidão (1888). Ao longo dos séculos XX e XXI, mudanças nas políticas de Estado, relações diplomáticas Brasil-África, programas de cooperação educacional e iniciativas como o PEC-G contribuíram para transformar um fluxo historicamente marcado pela violência colonial em mobilidades acadêmicas formalizadas e reconhecidas institucionalmente.

da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial” (Quijano, 2005, p. 117). Esse argumento, ajuda a compreender como a colonialidade, a diáspora e a mobilidade internacional continuam atravessando os vínculos entre os dois continentes, África e América. No caso específico da UNILAB, as trajetórias e histórias dos processos educacionais de estudantes PALOP ganham contornos ainda mais significativos por estar em um território de forte presença afro-brasileira, onde a identidade negra e a memória da escravidão dialogam diretamente com as vivências africanas contemporâneas. Como observa Sansone:

O município de São Francisco do Conde e seu imediato redor (partes dos municípios de Santo Amaro e de Candeias) formam parte do Recôncavo Baiano, uma região que teve um papel central em toda a história da escravidão e do açúcar, que hoje podemos chamar de rurban, por ter sempre tido uma relação muito intensa em termos de capitais e força de trabalho com a cidade de Salvador e por estar se constituindo em um novo cinturão, densamente povoado, em torno da Região Metropolitana de Salvador. O Recôncavo teve e ainda tem, ademais, um papel central na construção das expressões afro-baianas na cidade de Salvador: atuando como um tipo de retaguarda cultural, o lugar de onde provêm as tradições do samba-de-roda, a culinária afro-baiana e boa parte do artesanato comumente tido como (afro-)baiano. (Sansone, 2005-2006, p. 238).

Este projeto parte do conceito de etnobiografia como um recurso analítico-metodológico relevante para dar voz às experiências singulares dos estudantes que serão interlocutores desta pesquisa. A etnobiografia “propõe uma problematização dos conceitos-chave do pensamento sociológico clássico como o individual e o coletivo, o sujeito e a cultura ao abrir espaço para a individualidade ou a imaginação pessoal criativa”, como destacam Gonçalves, Marques e Cardoso (2012, p. 9).

Este estudo busca compreender como as etnobiografias de estudantes africanos (PALOP) revelam as interações entre família, educação e mobilidades, permitindo uma leitura mais ampla sobre os sentidos da experiência migratória estudantil e sobre os processos de integração acadêmica e cultural na UNILAB-Campus dos Malês.

Ao idealizarmos este projeto, decidimos participar como ouvintes da disciplina Laboratório em Ciências Sociais, no semestre 2024.2, do curso de Licenciatura em Ciências Sociais. A participação foi sugerida pela minha orientadora, que também é professora da disciplina, por considerar a experiência relevante para o desenvolvimento do nosso trabalho. O programa e as bibliografias do componente dialogam diretamente com a proposta do projeto. Durante as aulas, tivemos a oportunidade de acessar diversas bibliografias sobre a temática, assim como de ouvir e aproximar-nos aos relatos dos estudantes sobre suas experiências

vividas, especialmente sobre como a migração e as relações familiares se articulam com seus processos educacionais.⁵

Este trabalho busca articular as trajetórias migratórias aos projetos familiares e educacionais dos estudantes, o estudo propõe uma abordagem sensível às complexidades que envolvem a mobilidade estudantil internacional, evidenciando que tais deslocamentos não são apenas movimentos geográficos, mas também experiências profundamente marcadas por vínculos afetivos, escolhas institucionais e reconfigurações identitárias no contexto da universidade, Tcham (2016).

2 PROBLEMA DE PESQUISA

O ingresso de estudantes africanos nas universidades brasileiras, e especificamente na Unilab, representa um fenômeno educacional e social que exige uma análise sobre as condições de adaptação, desafios culturais, sociais e as políticas de inclusão educacional. A UNILAB, como uma instituição universitária que atende à integração internacional, se apresenta como um espaço de troca intercultural, nos termos de uma interculturalidade crítica, como consta no seu plano de desenvolvimento individual. De acordo com Walhs, essa interculturalidade é:

[...] una configuración conceptual, una ruptura epistémica que tiene como base el pasado y el presente, vividos como realidades de dominación, explotación y marginalización, que son simultáneamente constitutivas, como consecuencia de lo que Mignolo ha llamado modernidad/colonialidad (Walsh, 2007, *cit. em*: Ramos; Nogueira; Franco, 2020, p. 7).

Contudo, embora a universidade tenha a missão de promover a interculturalidade crítica e a valorização da diversidade e das culturas africanas, pressupomos que existem fragilidades e desafios nas dinâmicas de adaptação e integração dos estudantes, ao novo contexto educacional e social. Em especial nos usos da língua, sociabilidade, questões financeiras, de moradia e espaços de lazer.

A pesquisa parte das seguintes perguntas: Como os estudantes africanos provenientes dos países da CPLP experienciam os processos escolares e as suas trajetórias acadêmicas na UNILAB, Campus dos Malês? De que modo, as intersubjetividades dos atores sociais da pesquisa constroem nas trajetórias educacionais considerado as experiências familiares e da

⁵ No contexto do componente referido, as etnobiografias dos estudantes fazem parte da primeira avaliação. Após a entrega e avaliação da professora, esses trabalhos são lidos e discutidos em aula.

mobilidade migratória internacional? De que maneira as expectativas familiares, dos lugares de origem, influenciam as trajetórias educacionais dos interlocutores d pesquisa?

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Analisar as construções etnobiográficas dos estudantes a partir das trajetórias acadêmicas e da mobilidade internacional dos estudantes africanos PALOP, de Guiné-Bissau, Angola e Moçambique na UNILAB, Campus dos Malês.

3.2 ESPECÍFICOS

- Conhecer os percursos escolares, familiares, comunitários, sociais nos países de origem;
- Analisar o processo de adaptação dos estudantes ao sistema educacional e social brasileiro;
- Estudar de que modo as dinâmicas de mobilidade migratória internacional influencia os percursos vividos desses atores sociais em São Francisco de Conde.

4 JUSTIFICATIVA

O interesse pelo tema deste trabalho surgiu desde a fase do meu ensino secundário no meu país de origem, Guiné-Bissau. Nesse contexto, a dificuldade que a população, principalmente da classe social de baixa renda, enfrenta em relação ao acesso à educação, desde o ingresso até a permanência, é significativa.

Esse fenômeno é influenciado por diversos fatores sociais. O indivíduo é continuamente moldado por estruturas que vão desde a própria escola até as dinâmicas familiares, culturais, políticas e econômicas, conforme Bourdieu (1971). Meu interesse como pesquisador cresceu com o meu ingresso como estudante na UNILAB. Como estudante africano em mobilidade internacional, vivi a experiência de deixar o país de origem, assim como a dificuldade de

adaptar ao contexto social e educacional brasileiro, incluindo o choque de realidade, pois não encontrei praticamente nada do que pensava ser o Brasil.

Estudar a experiência de estudantes africanos que migram para estudar no Brasil pode ser significativo para a compreensão das dinâmicas de integração e os desafios enfrentados por eles no contexto social e educacional brasileiro, particularmente na UNILAB, Malês, São Francisco do Conde. Essa análise pode revelar tanto os obstáculos institucionais quanto as formas de resistência e adaptação que os estudantes africanos desenvolvem durante suas trajetórias acadêmicas, uma vez que “para conseguir a tão desejada formação no Brasil esses jovens estudantes enfrentam dificuldades de várias ordens, principalmente institucionais e financeiras de manutenção [...]” (Tcham, 2012, p. 34).

Os estudantes africanos PALOP são oriundos de sistemas educacionais diferentes. Em termos comparativos com o sistema educacional brasileiro que parece ser mais estruturado, existe uma importante disparidade com os sistemas educacionais na África. Pressupomos que essa diferença gera dificuldades para os estudantes africanos PALOP na Unilab.

Por exemplo, a concepção de universidade no Brasil envolve atividades de ensino, pesquisa e extensão, o que não é o caso de muitas universidades africanas. Para além disso, o ritmo e a carga de leitura são menores em África, assim como os materiais didáticos que, raramente, são atualizados no ensino dos PALOP, também eles são caracterizados por pouco avanço tecnológico. Já no Brasil, na vida acadêmica, o sistema educacional te “obriga” em adquirir ou ter um domínio básico de uso das novas tecnologias, sobretudo computador, para realização de trabalhos de pesquisa científica e não só.

O perfil comum que caracteriza as instituições de ensino superior e pesquisa dos Palop apresenta as seguintes características: i) dificuldade de acesso a recursos; e ii) elevada dependência de doações externas para o ensino e, particularmente, para a pesquisa. Hoje, os cinco países contam com 55 IES que estão assim distribuídas: Angola, 16¹⁵; Cabo Verde, 8; Guiné Bissau, 3; Moçambique, 25¹⁶; e São Tomé e Príncipe, 3 (Subuhana, 2009, p. 11).

Em termos financeiros, é bom salientar que no processo de vinda ao Brasil estes estudantes junto com seus responsáveis financeiros assinam um documento para declarar que os estudantes irão receber mensalmente um apoio financeiro por parte deste, o que não acontece na prática. Na maioria das vezes, devido a condição financeira dos familiares, conseqüentemente, provoca dificuldades destes ao chegarem ao Brasil, principalmente no

primeiro semestre, ainda calouros, no qual passam por um processo de acolhimento por parte dos colegas estudantes (veteranos).⁶

Nessa ótica, considero muito importante fazer um estudo sobre esses estudantes para compreender quem são, suas trajetórias acadêmicas e familiares, assim como seus perfis socioeconômicos. Este estudo pode ser relevante no aspecto acadêmico, uma vez que objetiva ser uma contribuição para as Ciências Humanas, no caso das futuras pesquisas. Espera-se contribuir para a formulação de políticas educacionais mais eficazes, na dimensão social, pois a escola é uma instituição social. As “[...] escolas são reflexos da sociedade que as desenvolve [...]” Asante (1991 *apud* Benedicto 2019, p.25). Em outras palavras, as escolas são espelhos da sociedade, numa sociedade marcada por fenômenos como desigualdades sociais, racismo, xenofobia é esperado que estes fenômenos também estejam presentes nas escolas. Conhecer as realidades sociais vividas por estudantes é importante para as Ciências Sociais e Humanas ao buscar entender e melhorar as experiências vividas de estudantes africanos PALOP, na UNILAB.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico é a base conceitual que sustenta uma pesquisa, servindo como alicerce para a compreensão do tema estudado. Por meio dele, o pesquisador se apoia em autores, teorias e estudos já consolidados, estabelecendo um diálogo entre sua investigação e o conhecimento existente. Para fundamentar o nosso projeto, pretende-se adotar como subsídio teórico-metodológico, autores como Pierre Bourdieu (1971), Ismael Tcham (2012; 2016), Margarida Bendo (2016), Subuhana (2012), entre outros.

O processo escolar pode ser entendido como o conjunto de práticas educativas, relações sociais e estratégias pedagógicas que ocorrem dentro do ambiente escolar, com o objetivo de ensinar, formar e preparar os estudantes para atuar na sociedade. Esse processo envolve tanto os aspectos formais da educação, como o currículo, os métodos de ensino e a avaliação, quanto aos aspectos simbólicos e culturais, que influenciam diretamente a maneira como os alunos se relacionam com a escola, com o conhecimento e entre si. Neste sentido, a escola não pode ser

⁶ O documento mencionado acima é denominado Termo de Responsabilidade Financeira e é indispensável para a submissão dos documentos nas embaixadas brasileiras. Ele deve ser assinado por um familiar (pai, mãe, irmão, tio, primo, etc.) que possua renda mensal a partir de US\$ 1.000, comprometendo-se a enviar ao estudante, mensalmente, no mínimo US\$ 300.

pensada fora da realidade social em que ela é desenvolvida, uma vez que ela é uma estrutura social, Bourdieu (1971), pois as realidades presentes na sociedade estarão presentes na escola, porque “[...] escolas são reflexos da sociedade que as desenvolve [...]” Asante (1991 *cit. em*: Benedicto, 2019, p. 25).

Ao analisar o processo escolar, Pierre Bourdieu (1971) nos ajuda a entender que a escola não é um espaço neutro ou puramente acadêmico. Ela faz parte da estrutura da sociedade e está inserida em um contexto social mais amplo e acaba reproduzindo as desigualdades já existentes na sociedade. Um dos principais conceitos que Bourdieu utiliza para explicar este fenômeno, diz respeito ao capital cultural. Ele afirma que os estudantes chegam à escola com diferentes formas de capital, ou seja, com diferentes conhecimentos, *habitus* e maneiras de se expressar que são aprendidos em casa, especialmente no convívio familiar.

Os alunos que pertencem às classes sociais mais favorecidas geralmente possuem um capital cultural mais próximo daquele que é valorizado pela escola. Por isso, eles têm mais facilidade para entender os conteúdos, se adaptar às normas e alcançar sucesso escolar. Já os estudantes de classes populares muitas vezes enfrentam dificuldades, não por serem menos capazes, mas porque o que eles sabem e a forma como se expressam não são reconhecidos como válidos no ambiente escolar (Bourdieu, 1971).

Nesse contexto, torna-se essencial refletir sobre como as diferenças culturais, sociais e étnicas são tratadas no ambiente escolar. Conforme apontam Akkari e Santiago (2015), muitas vezes, a escola, em vez de ser um espaço de valorização da diversidade, reforça padrões excludentes e homogêneos. As diferenças estão longe de serem reconhecidas como potencialidades, são frequentemente interpretadas sob a ótica do preconceito, assim, marginalizando os estudantes que não se encaixam no modelo dominante.

O artigo “Tendências e tensões de sociabilidade de estudantes dos PALOP em duas universidades brasileiras”, de Kelly Silva e Sara Santos Morais (2012), analisa etnograficamente as experiências sociais e culturais de estudantes africanos oriundos de países lusófonos na Universidade de Brasília (UnB) e na Universidade de São Paulo (USP), entre 2006 e 2008. As autoras examinam como esses estudantes se inserem nas práticas linguísticas e pedagógicas das universidades, vivenciam tensões raciais e constroem sentidos de pertencimento nos espaços urbanos brasileiros.

A pesquisa, baseada em observação participante e entrevistas, destaca três variáveis fundamentais na sociabilidade desses jovens: o tempo de permanência no Brasil, a nacionalidade de origem e a cidade de acolhida. Todos ingressaram por meio do Programa Estudante-Convênio de Graduação (PEC-G), que permite uma migração temporária, com

retorno obrigatório ao país de origem após a conclusão do curso, ou seja, o que Subuhana (2009) denomina de “imigração temporária”, já que esses estudantes entram no Brasil com “visto temporário”. Embora se trate de cidades e universidades diferentes, do ponto de vista geográfico, as situações descritas nas pesquisas dessas autoras também se verificam na realidade dos estudantes da UNILAB. Talvez a justificativa mais adequada seja afirmar que essa é uma característica da própria sociedade brasileira.

Margarida Bendo (2016), desenvolveu sua pesquisa sobre estudantes africanos em São Francisco do Conde. Ela reforça essa compreensão da realidade sobre experiências, e também das suas singularidades, por mais que sejam todos africanos. Quando observa que as dificuldades enfrentadas pelos estudantes não se limitam às relações sociais, mas também às condições materiais. Problemas como moradia, falta de infraestrutura e ausência de espaços de lazer agravaram o sentimento de isolamento. Além disso, o racismo foi intensificado pela cor da pele: estudantes de pele mais escura relatam maior discriminação, enquanto outros, de pele mais clara, afirmam passar despercebidos, pois “[...] ser negro já é difícil e ser negro africano pior, ou seja, traz outras dimensões da experiência do racismo a brasileira” (Bendo, 2016, p. 18).

Embora compartilhem o mesmo continente, esses estudantes africanos vêm de contextos sociais diversos, cujas diferenças podem ser vistas em vários aspectos, desde o país de origem, a estrutura social e familiar, até os tipos de ensino frequentados em seus respectivos países. Na perspectiva “o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam” (Laraia, 1986, p. 45), o que reforça a importância de reconhecer que cada estudante carrega consigo uma trajetória marcada por práticas, valores e experiências distintas, que se define como *habitus*, conforme Bourdieu (1971).

Destaca-se que:

Entretanto, mesmo diante da homogeneização racial e cultural, expressa na identidade atribuída de “africanos”, engendrada pela sociedade de acolhida, muitas vezes, os próprios “estudantes africanos” não se sentem iguais, percebendo-se estranhos uns diante dos outros, por conta da diversidade cultural, etnolinguística, regional, de tons de pele, de classe, de religião e de outros marcadores sociais (Langa, 2016, p. 17).

Nesse sentido, é importante refletir sobre o capital cultural que esses estudantes carregam consigo, o qual pode, em algumas situações, representar uma vantagem, enquanto em outras pode se tornar uma desvantagem, especialmente por estarem inseridos em um novo sistema educacional, com normas e expectativas distintas. Além disso, é fundamental

considerar a situação social em que esses estudantes se encontram. Geralmente, os estudantes dos Campus dos Malês, são acolhidos na cidade de São Francisco do Conde, um município majoritariamente negro, o que poderia sugerir um ambiente mais receptivo. No entanto, isso não garante um acolhimento efetivo, pois esses estudantes ainda podem enfrentar episódios de xenofobia e exclusão social. De acordo com Melo:

No que se refere ao município de São Francisco do Conde, considerando a população majoritariamente negra de estudantes em intercâmbio na UNILAB, não foge à realidade a possibilidade de que estes estudantes estejam sendo afetados por situações que se enquadrem nos casos supracitados, o que é notavelmente problemático, já que esse município se encontra no Recôncavo Baiano, que é predominantemente habitado por pessoas de origem étnica negra, com cidades cuja população é constituída por mais de 90% de afrodescendentes. Esta realidade não isenta os naturais da região de reproduzirem o racismo, devido ao alto índice de assimilação da cultura e costumes originariamente eurocêntricos que sempre preponderaram nos seus interesses e, no poder maior do controle social, de uma minoria branca sobre uma grande maioria de: negros, indígenas e miscigenados, por cinco séculos, que influencia ainda hoje no distanciamento e no sentimento de dessemelhança para com os estrangeiros (Melo, 2017, p. 10).

Dessa forma, torna-se evidente que o acolhimento e a integração dos estudantes africanos na Unilab, especialmente no Campus dos Malês, envolvem não somente questões e desafios institucionais, mas também desafios socioculturais complexos, Tcham (2012).

Entre as tensões observadas, segundo as autoras Kelly Silva e Sara Santos Moraes (2012) destacam-se as barreiras linguísticas, por mais que são oriundos de países com língua portuguesa como a oficial. Isto porque, muitos estudantes têm o português como segunda língua e enfrentam dificuldades de adaptação ao português falado no Brasil, destacando Cabo-verde e Guiné-Bissau. O uso de crioulo por cabo-verdianos e guineenses, por exemplo, reforça tanto a identidade entre conterrâneos quanto o isolamento em relação aos brasileiros, assim como africanos de outras nacionalidades. No campo pedagógico, o estilo informal das universidades brasileiras, marcado por proximidade entre alunos e professores, causa estranhamento inicial, embora depois seja valorizado como sinal de liberdade acadêmica.

A questão racial segundo autoras aparece como uma das mais complexas. Muitos estudantes relatam discriminação dentro e fora das universidades, sendo frequentemente confundidos com negros brasileiros. Essa experiência de racismo gera reflexões sobre o “ser negro”, “ser africano” e “ser estrangeiro”. Alguns se percebem como estrangeiros, preservando o vínculo com a pátria de origem; outros se reconhecem como sujeitos em diáspora, vivendo múltiplos pertencimentos. O tempo de permanência e o grau de integração social determinam essas diferentes percepções.

A vida nas cidades também influencia os padrões de sociabilidade. Em São Paulo, a existência de instituições voltadas à cultura africana favorece um sentimento de pertencimento e contato com o continente. Em Brasília, a distância geográfica e o transporte dificultam interações mais amplas, levando os estudantes a se reunirem em casas de contrterrâneos. As festas africanas e eventos culturais funcionam como espaços de reafirmação identitária e de resistência simbólica.

As motivações para estudar no Brasil vão além dos discursos de cooperação e desenvolvimento. As autoras mostram que as escolhas são influenciadas por redes familiares, amizades e representações positivas do Brasil difundidas pela mídia, especialmente pelas telenovelas. O desejo de mobilidade social e reconhecimento pessoal predomina sobre qualquer projeto nacionalista.

Outro sim, a família é um dos principais espaços de socialização e exerce grande influência no percurso educacional dos estudantes. É dentro dela que a criança dá os primeiros passos na construção da sua identidade, aprende a falar, a se relacionar, a respeitar regras e a reconhecer valores que orientarão sua vida em sociedade. Nesse ambiente, formam-se hábitos, modos de expressão e maneiras de enxergar o mundo que acompanham o indivíduo ao longo de toda a sua trajetória. Por isso, a família não apenas apoia materialmente, mas também transmite motivações, expectativas e um sentido de responsabilidade em relação ao estudo.

A noção de família pode estar profundamente ligada a afetos e sentimentos, de diferentes tipos. As experiências que temos das relações familiares são singulares, íntimas e fundamentais para percepção de quem somos, isto é, para as nossas identidades. Mas falar em família é falar de uma realidade social e institucional, profundamente política tanto nos fatores que a condicionam quanto em seus desdobramentos. A família se define em um conjunto de normas, práticas e valores que têm seu lugar, seu tempo e uma história. É uma construção social, que vivenciamos (Brioli, 2014, p. 70).

Nas trajetórias de estudantes africanos dos PALOP que chegam à UNILAB, a família desempenha papel central tanto no incentivo quanto na superação das dificuldades. Muitas vezes, as famílias fazem grandes sacrifícios para que seus filhos possam estudar, vendo na educação uma possibilidade de mobilidade social e de transformação de suas condições de vida. Essa herança simbólica se materializa no esforço, no apoio e no incentivo constante, mesmo em contextos de vulnerabilidade, Subuhana concorda, quando afirma que:

[...] Hoje, quando o diploma universitário vem se tornando o principal passaporte de construção do futuro das jovens gerações, as famílias vêm-se na obrigação de mobilizar-se para ter um doutor no seio da família, o que lhes permitirá aceder ou não a outra posição social. (Subuhana, 2009, p. 115)

O estudo de Sindy Gabrielly Holanda Oliveira (2022) ilustra bem essa realidade ao narrar a trajetória de Marcus, cuja mãe via a educação como a única herança possível a transmitir: “se eu morrer, eu não tenho nada pra te dar, não tenho dinheiro, tudo o que eu posso te dar é educação, é a possibilidade de estudar” (Oliveira, 2022, p. 60). Esse relato mostra como, para famílias populares e negras, a escolarização é compreendida como uma forma de romper com ciclos de precarização e oferecer novas oportunidades às próximas gerações.

No caso dos estudantes africanos, essa dimensão se expressa na própria decisão de migrar para cursar o ensino superior no Brasil. Em muitos relatos, o apoio da família aparece como motivação principal, mesmo diante da distância física e das dificuldades de adaptação. Assim, a família funciona como um eixo de resistência, que garante não apenas suporte material, mas também emocional e simbólico, reforçando a ideia de que estudar é um investimento coletivo e não apenas individual. De acordo com Subuhana: “[...] os projetos destes interlocutores estão mais atrelados à família, embora alguns cheguem a afirmar que suas trajetórias e seus projetos de vida sejam individuais. Para muitos desses estudantes, a família constitui o núcleo central e fonte de equilíbrio” (Subuhana, 2009, p. 114).

Desse modo, de acordo com Fausto Moçambique entrevistado por Subuhana:

[...]. Não tem como ser individual porque ele não é individual. Para eu vir para cá é meu irmão que morava comigo que era estudante e trabalhador na época, teve que abrir mão de muita coisa, ele já era pai. E, com certeza, ele pode não ter me dito, mas, com certeza ele abriu mão de muita coisa para me ajudar. Quando eu estava aqui, todos [...] os meus irmãos já eram pais [...], de família e sem muitos recursos. Com certeza eles abriram mão de um monte de coisas para poderem me manter aqui. Então, isso é impagável, não vou pagar nunca. O único jeito de pagar é pensar nesse coletivo, mesmo (Subuhana, 2009, p. 114).

Analisar as etnobiografias de estudantes africanos na UNILAB exige compreender como a família atravessa suas trajetórias, seja pelo incentivo direto, seja pela transmissão de valores e expectativas em relação à educação. A herança familiar, nesse sentido, não se limita a bens materiais, mas envolve capitais simbólicos e culturais (Bourdieu, 1971) que se tornam decisivos para a construção das trajetórias escolares e universitárias.

Os recortes das experiências familiares devem ser compreendidas com foco nas mobilidades migratórias externas e da diáspora de estudantes africanos ao Brasil. No primeiro capítulo de sua tese *Diáspora Africana no Ceará no Século XXI: ressignificações identitárias de estudantes imigrantes*, Ercílio Neves Brandão Langa (2016) introduz o fenômeno da migração internacional de estudantes africanos para o Brasil como parte da chamada diáspora africana contemporânea. O autor investiga a presença crescente de jovens oriundos de países

africanos de língua portuguesa em universidades brasileiras, especialmente em Fortaleza, e busca compreender os sentidos sociais e identitários dessa mobilidade.

Langa explica que o principal canal dessa migração é o Programa Estudante-Convênio de Graduação (PEC-G), criado em 1965 e consolidado nos anos 2000 como instrumento da política externa brasileira de cooperação Sul-Sul. Entre 2000 e 2013, mais de seis mil estudantes africanos ingressaram em instituições públicas brasileiras, com destaque para Cabo Verde, Guiné-Bissau, Angola, República Democrática do Congo e São Tomé e Príncipe. Esse fluxo intensificou-se durante os governos de Luiz Inácio Lula da Silva, quando o Brasil buscou estreitar laços diplomáticos, culturais e econômicos com a África. No entanto, a partir de 2012, sob o governo Dilma Rousseff, o número de estudantes africanos começou a declinar, reflexo de uma política externa menos voltada ao continente.

Para Langa (2016), a migração estudantil africana para o Brasil não pode ser entendida apenas como mobilidade educacional, mas como um processo diaspórico, no qual se constroem novos modos de ser e pertencer. A partir dessa mobilidade, os estudantes reconfiguram suas identidades ora afirmando, ora negando sua africanidade e negritude em diálogo com o contexto brasileiro.

6 PERCCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa será feita a partir de uma abordagem qualitativa, pois queremos entender de forma profunda as experiências, histórias de vida, valores e práticas culturais dos estudantes africanos na Unilab. O foco está em ouvir as pessoas, conhecer suas trajetórias e compreender o que elas vivem dentro da universidade.

Como diz Goldenberg (2011), o mais importante nesse tipo de pesquisa não é quantas pessoas participam, mas sim o quanto conseguimos compreender bem a realidade de um grupo social. Por isso, vamos buscar entender o dia a dia desses estudantes, como eles vivem o processo escolar e o que significa estar em uma universidade brasileira sendo de outro país e cultura.

O procedimento metodológico é explicativo, ou seja, além de descrever o que acontece com esses estudantes, queremos entender por que determinadas experiências acontecem e o que permeia essas vivências. Para isso, seguimos o que diz Severino (2013) “a pesquisa explicativa é aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas,

seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos.

As técnicas que vamos usar para a construção de dados são:

- História de vida: solicitar os estudantes que narrem suas histórias para conhecer as trajetórias pessoais e familiares, educacionais e de mobilidade internacional dos estudantes africanos;
- Pesquisa bibliográfica: leituras e estudos de livros, artigos e outros materiais que falem sobre temas ligados à educação, cultura, identidade, migração;
- Entrevistas não estruturadas: conversas livres com os estudantes, onde eles poderão contar o que acham mais importante sobre suas vivências. Essas entrevistas são importantes porque permitem que a pessoa fale com mais liberdade e profundidade.

Como afirmam Quivy e Copenhoudt (1998), as entrevistas e as leituras se completam: as leituras ajudam a pensar nas perguntas, e as respostas das pessoas ajudam a refletir melhor sobre o que foi lido.

Leituras e entrevistas exploratórias devem ajudar a construir a problemática de investigação. As leituras ajudam a fazer o balanço dos conhecimentos relativos ao problema de partida; as entrevistas contribuem para descobrir os aspectos a ter em conta e alargam ou rectificam o campo de investigação das leituras. Umas e outras são complementares e enriquecem-se mutuamente [...] (Quivy; Copenhoudt, 1998, p. 69).

A pesquisa contará com a participação de estudantes africanos regularmente matriculados na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). O universo da pesquisa não contempla estudantes de todos os PALOP. A UNILAB, o Campus dos Malês conta atualmente com estudantes de Guiné-Bissau, Angola, Moçambique e São Tomé, o que delimita empiricamente o universo desta pesquisa. A amostra será composta por aproximadamente cinco a dez estudantes, buscando contemplar diferentes cursos de graduação e países de origem. Os participantes, em sua maioria jovens adultos na faixa etária de 18 a 35 anos, incluirão tanto homens quanto mulheres, de modo a garantir equilíbrio e representatividade de gênero. O recorte temporal também será considerado (chegada no Brasil), englobando estudantes que chegaram ao Brasil em diferentes momentos, desde os que ingressaram recentemente até aqueles que já se encontram há mais tempo no país, o que permitirá observar distintas etapas de adaptação acadêmica e social, incluirá estudantes de diferentes cursos. A metodologia terá como base terá início com o contato inicial com os estudantes, ocasião em que a pesquisa será devidamente apresentada e, em seguida, será

REFERÊNCIAS

- BENDO, Margarida Duete Lourenço. **Estranhamento e convivência dos estudantes africanos em São Francisco do Conde**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde. 2016.
- BENEDICTO, Ricardo Matheus. Educação quilombista: uma proposta de educação afrocentrada no Brasil. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE**. 2019.
- BIROLI, Flávia. Família: novos conceitos. São Paulo, **Ed. da Fundação Perseu Abramo**. 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. Educação e Sociedade. 1971.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record. 2011.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar. 1986
- MELO, Elias Oliveira. **Discentes da UNILAB – Campus dos Malês oriundos da África: adaptação e aspectos sócio-culturais dos residentes no município de São Francisco do Conde**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde. 2017.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude usos e sentidos**. São Paulo: Autêntica, 2019.
- MUNANGA, Kabengele. **O mundo e a diversidade: questões em debate**. Estudos Avançados, 2022.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires. CLACSO. 2005.
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva. 1998.
- RAMOS, Kellyane Lisboa; NOGUEIRA, Eulina Maria Leite; FRANCO, Zilda Gláucia. Elias. A interculturalidade crítica como alternativa para uma educação crítica e decolonial. **Eccos - Revista Científica**. São Paulo, n. 54, p. 1-10, e17339, jul./set., 2020.
- SANSONE, Lívio. Desigualdades duráveis, relações raciais e modernidades no Recôncavo: o caso de São Francisco do Conde. *In: Da África ao Afro: uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira*. São Paulo. 2005-2006
- SANTIAGO, Mylene Cristina; AKKARI, Abdeljalil. **Diferenças na educação: do preconceito ao reconhecimento**. Revista Teias, Rio de Janeiro. 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SUBUHANA, Carlos. **A experiência sociocultural de universitários da África lusófona no Brasil: entremeando histórias**. Pro-Posições, Campinas. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n1/v20n1a07.pdf>. Acesso em: 2025.

TCHAM, Ismael. **Estar, ficar e retornar: estudantes africanos no Brasil e os dilemas da migração**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2016.

TCHAM, Ismael. Experiências e contrastes da vida fora de casa. *In: A África fora de casa: sociabilidade, trânsito e conexões entre os estudantes africanos no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

LANGA, Ercílio Neves Brandão. À guisa da introdução: a migração africana de estudantes para o Brasil em tempos contemporâneos. *In: LANGA, Ercílio Neves Brandão. Diáspora Africana no Ceará no Século XXI: ressignificações identitárias de estudantes imigrantes*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2016.

OLIVEIRA, Sindy. “O peso da caneta é menor do que o da enxada”: a trajetória de Marcus. *In: OLIVEIRA, Sindy Gabrielly Holanda. “Estudar para ser gente”: trajetórias educacionais de pessoas negras*. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Porto Alegre, 2022.

WALSH, C. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. *In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (ed.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, p. 115-142, 2007.